

Comentário sobre uma leitura fenomenológica de Tomás

Antônio Henrique Campolina Martins

RESUMO: O presente artigo se traduz numa articulação do pensamento filosófico de Edith Stein, uma mulher judia nascida em Breslau (1891), assistente de Edmund Husserl (1917-1919), que se torna cristã (1922), carmelita em Colônia (1933), refugiada na Holanda (1938), deportada e assassinada em Auschwitz (1942). O texto quer demonstrar a unidade perfeita de sua obra filosófica: o sentido da fenomenologia e o seu diálogo com o grande projeto filosófico de Tomás de Aquino, com vistas a uma reflexão sobre a possibilidade de uma filosofia cristã. Sempre presa à filosofia como ciência rigorosa (Husserl), Edith Stein traduz em linguagem moderna o *De Veritate* de Tomás de Aquino no seu opus summum, *Endliches und Ewiges Sein*.

Palavras-chave: Fenomenologia, transcendental, redução, variação eidética, intencionalidade, ratio, intuição, abstração, essência.

RÉSUMÉ: Le présent article veut traduire la pensée philosophique d'Edith Stein, une femme juive, née à Breslau (1891), assistente de Edmund Husserl (1917-1919), qui devient chrétienne (1922), moniale à Cologne (1933), réfugiée au Pays-Bas (1938), déportée et assassinée à Auschwitz (1942). Le texte veut démontrer l'unité parfaite de son oeuvre proprement philosophique: le sens de la phénoménologie et son dialogue avec le grand projet philosophique de Thomas d'Aquin, en vue d'une réflexion sur la possibilité d'une philosophie chrétienne. Toujours attachée à la philosophie comme science rigoureuse (Husserl), Edith Stein traduit en langage moderne le *De Veritate* de Thomas d'Aquin dans son opus summum, *Endliches und Ewiges Sein*.

Mots-clés: Phénoménologie, transcendente, réduction, variation eidétique, intencionalité, ratio, intuition, abstraction, essence.

Introdução

A redução fenomenológica enquanto pressuposto para o estudo da escolástica e para o empreendimento de uma síntese real, tal como Edith Stein o fez, se deve à necessidade de uma medida, de um critério, de um método para se fazer filosofia. Filosofia é fundamentalmente juízo, crítica (a verdade está no juízo, segundo Aristóteles) e não se faz um juízo sem um critério, uma medida. Esta foi a rua, o caminho de Edith Stein para empreender a sua síntese filosófica. Os resultados da fenomenologia enquanto método e enquanto filosofia são extremamente enriquecedores

e podem ser aplicados à rica herança dos pensadores medievais. Estes autores utilizam a dedução como método, no sentido tradicional do termo, dedução como de-monstração. O processo da fenomenologia se estabelece e se edifica não no sentido escolástico da demonstração, mas no da monstração reflexiva, uma atitude regressiva e progressiva que parte do mundo tal como ele se nos apresenta em sua atitude natural, descrevendo os seus atos e o conjunto de atos nos quais o mundo das coisas se constitui para a consciência, assim como o fluxo do tempo, no qual, os atos enquanto tais, se constituem em unidades de duração. Trata-se de analisar aqui como Edith Stein aplica a monstração reflexiva de Edmund Husserl à metafísica demonstrativa e lógica de Tomás de Aquino. Em outras palavras, trata-se de verificar como a fenomenologia de Husserl e a metafísica de Tomás se encontram ou se confrontam.

O método fenomenológico de Edmund Husserl e de Edith Stein

Edmund Husserl nunca quis construir um sistema filosófico como a maioria de seus antecessores o fizeram, um edifício intelectual completo, perfeito, fechado sobre si mesmo onde cada questão filosófica encontra a sua resposta. Ele não iniciou sua carreira científica como filósofo, mas como matemático, como um matemático normal, com os conceitos e o método da matemática(2) . Contudo, encontrou aí inúmeras dificuldades, grandes lacunas e obscuridades. Deve-se notar que Edith Stein também iniciou seus estudos fora da filosofia. Começou estudando a psicologia que, na sua época, carecia de fundamentos sustentáveis. Tanto Husserl quanto Stein se depararam, num primeiro momento, com os limites da ciência. A necessidade de resolver as lacunas da matemática levou Husserl a uma postura bem definida: elaborar uma filosofia da matemática. Os estudos que ele empreendeu nesse sentido o fizeram descobrir que a matemática formal e a lógica formal estão estreitamente ligadas. Ocupando-se ainda com as questões da lógica, Husserl chegou a uma outra evidência, a saber, que neste domínio, o que se pensava ser completo, conclusivo, fechado, através da obra de Aristóteles, era mal-conhecido quanto à sua natureza e continha, implicitamente, uma quantidade enorme de problemas não resolvidos.

No primeiro tomo das Investigações Lógicas, Husserl enfrenta o problema da psicologização da lógica, então dominante; mostra aí, de modo apodíctico, que a

lógica pertence ao domínio das verdades objetivamente consistentes, assim como a estrutura formal de todas as verdades e das ciências objetivas. No segundo tomo, ele considera alguns problemas fundamentais. Enquanto empreende este estudo específico, Husserl cria um método próprio, chegando à conclusão de que um mesmo não se adapta apenas às questões lógicas, mas se adequa perfeitamente a todas as questões filosóficas. A sua convicção é de que este será o único método capaz de propiciar um tratamento científico à filosofia. Esta convicção ele a expressará pela primeira vez num artigo intitulado *A filosofia como ciência rigorosa*(3), publicado em *Logos* (1911). Em 1913, partirá para a elaboração de uma exposição sistemática e detalhada do seu método, escrevendo *As ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*.

Aí atinge o culmen da problemática filosófica universal. As *Meditações cartesianas* (1929-1931), constituem, por assim dizer, o prolongamento de alguns pontos refletidos em 1911 e em 1913, em nível de consequências. Desta forma, Husserl estabelece as características fundamentais da fenomenologia, assumidas em gênero, número e grau, ou seja, inteira e absolutamente, por Edith Stein em suas reflexões, tanto as propriamente fenomenológicas, como os escritos sobre Tomás de Aquino e a escolástica, e também as suas obras sobre a doutrina teológica e espiritual de Teresa de Ávila.

Podemos assim resumir as características fundamentais da fenomenologia de Edmund Husserl assumidas por Edith Stein: a fenomenologia não se distingue da filosofia em si; é, ao mesmo tempo, a possibilidade de abordagem científica de todas as questões filosóficas; é o domínio da pesquisa filosófica rigorosa, onde o juízo subjetivo não tem lugar; é aberta quanto à pesquisa (infinita), como toda ciência, de modo que o pesquisador, de geração em geração, extrai da sua elaboração, coisas novas e antigas (*nova et vetera*) e, assim, o trabalho filosófico progride. A filosofia deve, pois, re-investigar tudo o que até agora foi pressuposto como sendo evidente. Os estudos de Husserl sobre a natureza da lógica, já aqui mencionados como essenciais para a resolução das lacunas na lógica formal, se iniciam com a sua pesquisa sobre a expressão e o significado, um problema importante para a lógica e para a filosofia da linguagem. Partir das palavras e atingir o seu sentido preciso, rumo às coisas. Ora, as coisas enquanto tais, às quais o sentido das palavras nos fornecem o acesso, não são coisas singulares, empíricas, mas algo absolutamente convergente com a ideia ou com a

essência das coisas. Esta não é uma simples percepção psicológica, ou uma experiência sensível, mas o ato intelectual de um gênio particular que Husserl chamou de visão (*Anschauung*) da essência ou de intuição da essência. É a volta às coisas mesmas, às coisas enquanto tais, o retorno ao objeto, a mudança de orientação. Diante do empirismo que só enfoca a experiência sensível, a fenomenologia se distingue como ciência das essências e, como tal, está em estreita homogeneidade com a mais venerável tradição filosófica, a saber, aquela que se inicia com Platão, passa por Aristóteles e se deságua na Escolástica. A esta construção do mundo pelo Eu que vive nos seus atos e que pode analisá-los reflectivamente, Husserl cognomina de constituição, de consciência transcendental, de função primordial da fenomenologia transcendental, a ciência por excelência(4) . Como para o Eu puro, o conjunto do mundo dos objetos se faz presente nos seus atos, só análise destes mesmos atos pode tornar clara a estrutura do mundo dos objetos; só esta análise pode colocar em evidência o sentido próprio do conhecimento, da experiência, da razão. Esta é a noção precisa, específica, de fenomenologia que Husserl elabora a partir das suas *Investigações Lógicas* e que Edith Stein re-afirma como discípula e assistente do Mestre.

Desta forma, Edmund Husserl se encontra com Edith Stein, empreendendo todos os esforços para alicerçar a filosofia em sólidos fundamentos, dentro da mais pura tradição kantiana. Ambos partem radicalmente de Descartes, ambos se encontram afirmando ser o Cogito cartesiano, o ponto de partida primordial, incondicional, para se fazer filosofia; o ato do eu reflexivo que, enquanto tal, possui uma certeza inquebrantável de si e do seu ser.

Mas tanto Husserl quanto Edith Stein distinguem o Eu psíquico, vivência no mundo, do Eu transcendental, para o qual, o mundo é um todo constituído de unidades de sentido, o que faz com que o mesmo mundo pre-ceda o Eu. O Cogito, para Husserl e para Edith Stein, não é só a percepção cartesiana, quase matemática, mas é o campo infinito das descrições imanentes que se constituem no objeto de uma ciência, a fenomenologia transcendental. Esta deve ser compreendida como ciência fundamental, como *prima philosophia* e, ao mesmo tempo, como *philosophia universalis*, pois é nela, e somente nela, que os problemas filosóficos são rigorosamente colocados e se resolvem. Ela deve mostrar como nas *cogitationes* as *cogitata* se constituem e se transformam imediatamente em unidades de sentido para a consciência e como, no fluxo da vida do eu, que é gênese, origem, um mundo deve necessariamente ser

construído: primeiramente, num grau inferior, a natureza tal como se apresenta a um sujeito isolado e o Eu próprio, enquanto Eu psicológico; depois os outros sujeitos e, nas suas relações recíprocas, o mundo como mundo objetivo e intersubjetivo; por fim, nos atos de ordem superior, os objetos teóricos (todas as teorias, a ciência), o mundo como mundo das qualidades e dos valores. No interior desta filosofia transcendental, a ontologia encontra o seu lugar enquanto prescrua a estrutura eidética dos objetos em diversos níveis; mesmo as questões últimas da metafísica, da ética, da filosofia da religião, devem ser abordadas a partir deste contexto.

Pois este é o *Sitz im Leben*, o pano de fundo, a estrutura de pensamento, através da qual Edith Stein, discípula e assistente de Edmund Husserl, irá ler uma outra estrutura, a das teorias de Tomás de Aquino, sobretudo a teoria da potência e do ato, em sua obra *Akt und Potenz*, transformada na sua síntese maior, *Endliches und Ewiges Sein*.

A fenomenologia de Husserl e a filosofia de Tomás de Aquino na obra de Edith Stein

Edmund Husserl e Tomás de Aquino nunca duvidaram de uma realidade chamada *ratio*, ou seja, da razão. Husserl combate as formas modernas de ceticismo, não distinguindo, como Tomás o faz, a razão natural da sobrenatural⁽⁵⁾. Para Husserl, a razão se situa muito além da distinção entre natural e sobrenatural, entre imanente e transcendente, pois esta distinção, ou é empírica, ou se faz mediante o princípio aristotélico da analogia. Husserl não fala nem da razão humana nem sobre um ser trans-humano racional, mas da razão como tal, sobre a *ratio* da *ratio*. A fenomenologia procede como se nossa razão fosse ilimitada, possuindo uma função infinita. Há sempre um *Cogito* pré-reflexivo por detrás de toda intencionalidade. A ciência, por sua vez, é um processo interminável. Contudo, a razão se distingue, em Husserl, da razão, em Tomás, no sentido de que esta não se orienta não se orienta para o seu fim, a verdade pura que, sendo reguladora de tudo, prescreve a direção a ser seguida. Tomás assume também o parecer da razão infinita, mas, para ele, a verdade não se encontra só na via do conhecimento, como se fosse uma idéia desarticulada do real. Esta se dá na realização infinita de um processo que possui um *tópos* pleno, enquanto é ponto de partida (*terminus a quo*) do conhecimento e ponto de chegada (*terminus ad quem*), a

espécie impressa produzida pela abstração da essência. Ainda mais: para Tomás, razão é comunicação, é intercomunicação, onde o conhecimento natural é também só uma via; o divino o integra e o plenifica(6) . Aqui entra a fé que Husserl admite só enquanto fonte para uma experiência religiosa. Não deixa de outorgar-lhe um direito à existência, mas sempre em matéria de religião, nunca sob o ângulo específico da filosofia.

Concluindo a partir destas considerações: ratio é um termo polissêmico. Não obstante a polissemia do termo ratio, ratio é e será sempre ratio, distinguindo-se naturalmente da fé, tanto em Husserl quanto em Tomás(7) .

Mas a fé de Tomás pode se integrar com a ratio de Husserl? É possível uma tal composição? Se o é, em que sentido preciso? Creio que, respondendo a esta questão, estaremos tocando e atingindo o método específico de Edith Stein em *Endliches und Ewiges Sein*.

A filosofia clama pela verdade e pela sua busca da maneira mais vasta, larga e completa possível. Se a fé abre a razão a verdades que são inacessíveis pela razão, a filosofia, ao aderir o direito à fé, não se contradiz, pois ela não só clama pela verdade, mas pelo conjunto todo da verdade; em outras palavras, ela clama pela maior certeza que o espírito humano pode expressar em nível de manifestação(8) . O clamor pela verdade total é um clamor não conclusivo, ou melhor, é um clamor aberto tanto em Husserl quanto em Tomás. Por isso, a ratio de Husserl não elimina a ratio de Tomás. Mas poderíamos ainda perguntar: as duas acepções não se complementariam? A abertura da razão enquanto *capacitas* para o infinito (Tomás) e enquanto *infinita* (Husserl) é um ponto presente e indiscutível nas duas teorias. Outro ponto comum entre Husserl e Tomás é o da apodicticidade da razão, ou o da certeza. Para todo aquele que crê, a verdade de fé tem um peso de autenticidade, de certeza, à qual toda outra é relativizada. Uma certeza que é dom da graça, mas não deixa de ser certeza. Entre as consequências teóricas e práticas extraídas de uma razão infinita, pode-se falar de uma filosofia que outorga ao homem o direito à certeza de fé, uma vez que a certeza é a prerrogativa número um da razão que busca não só a verdade, mas que quer chegar ao conjunto, o mais completo e o mais pleno das verdades. Vê-se, pois, que do ponto de vista da razão, o método fenomenológico de Husserl não é inconciliável com a metafísica de Tomás. Ao contrário; como nos faz ver praticamente Edith Stein, a diferença metodológica entre Husserl e Tomás pode produzir uma integração real, profunda e riquíssima(9) .

É, contudo, precisamente, na questão da análise objetiva das essências que a fenomenologia de Husserl e a metafísica de Tomás se parecem e, posso dizer, com Edith Stein, são muito próximos. O método da redução eidética, que faz abstração da existência e de tudo o que é accidental para tornar visível a essência, se justifica, na teoria metafísica de Tomás, pela distinção real (não virtual) entre a essência e a existência em toda a criatura. Para se entender a síntese metodológica realizada por Edith Stein, no que concerne à metafísica em Husserl e em Tomás, ou em Tomás a partir do método fenomenológico husserliano, é necessário empreender uma análise de dois termos fundamentais nos dois autores, a saber: o termo intuição (Husserl) e o termo abstração (Tomás de Aquino) e encontrar, nos dois conceitos, um denominador comum. A intuição fenomenológica não é somente uma visão da essência, mas compreende um fazer vir à tona o real, através de um processo, o da operação cognitiva do intellectus agens. Intuição e abstração aqui se encontram através de um denominador comum, no sentido de se extrair do contingente o positivamente essencial. Este aspecto essencial da intuição fenomenológica não é, senão o *intus legere* de Tomás, ou o modo preciso como o intelecto humano verdadeiramente conhece (abstrai) o real. A percepção das coisas na fenomenologia de Husserl, a partir da intenção orientada para a coisa mesma, coincide por assim dizer, com o processo do conhecimento tomista em nível de princípio. O compromisso com o real é a chave hermenêutica para a leitura que Edith Stein faz de Tomás de Aquino através da fenomenologia. Desta forma, é a análise fiel da realidade enquanto dado que me leva ao abandono da redução transcendental (Husserl) e ao retorno a uma atitude de aceitação crente do mundo (Tomás). Este é, sem dúvida alguma, o conteúdo temático da grande síntese steiniana, *Endliches und Ewiges Sein*, o Ser Finito e o Ser Eterno.

Conclusão

Se a experiência da verdade que sempre permeou a busca intelectual de Edith Stein fez com que ela chegasse à conclusão, em nível de uma certeza, de que o *De Veritate* de Tomás é, por assim dizer, a plenitude do que ela procurava nas *Investigações Lógicas* de Husserl, pode-se então concluir afirmando que Edith Stein se nos apresenta como alguém que quer empreender uma ultrapassagem não só no nível do método mas no do conteúdo: de Husserl a Tomás, ou melhor, Tomás a partir de Husserl.

A obra filosófica de Edith Stein mostra-se, desta forma, como sendo uma trans-valorização, não na afirmação, na legitimação da crítica nietzscheana, no sentido de que existiria um vírus fundamental nos valores, uma espécie de mentira no âmago da verdade, mas uma trans-valorização homogênia, da intuição (método e conteúdo) à abstração (método e conteúdo), ou melhor, à abstração pela intuição. A questão não é pois só ser ou não ser, mas esta compreende também o que está por detrás do próprio ser, ou seja, a sua fecundidade invisível, a sua plenitude oculta; nunca o ser sem o sentido que lhe é outorgado, nunca a estrutura sem a consciência(10) .

Pois é precisamente desta forma que Edith Stein empreende uma leitura moderna de Tomás, uma grande síntese, única, onde monstração e demonstração se encontram, na medida em que é inteiramente fiel à fenomenologia de Edmund Husserl e ao realismo lógico de Tomás de Aquino .

NOTAS:

1- Pode-se dizer que há três pistas de leitura para a abordagem sistemática de Edith Stein. Primeiramente, a fenomenológica, a de sua formação nas Universidades de Breslau e de Göttingen e a de sua atuação como assistente de seu Mestre Edmund Husserl, em Freiburg im Breisgau, a saber, de 1911 a 1919. Uma segunda pista de leitura é a do tomismo, fase que tem início com o seu batismo cristão, em 1922. Mais precisamente inicia-se com a sua atuação como professora em Spira e perfaz toda a sua vida nos Carmelos de Colônia e de Echt, até sua morte, em Auschwitz (1942). É a fase de sua grande síntese, onde escreve *Ato e Potência* e seu opus summum *O Ser Finito e o Ser Eterno*. Por fim, paralelamente a esta fase, tem-se o período de seus escritos espirituais (a terceira pista de leitura). São vários textos, opúsculos e a sua grande obra *A Ciência da Cruz*, todos inspirados na obra de Teresa de Ávila. Pode-se afirmar sem nenhuma restrição e com absoluta convicção que as três pistas de leitura são nitidamente convergentes e que, o denominador comum que as une, é a fenomenologia, presente, ora patente, ora latente em seus textos, num crescendo determinado: da fenomenologia propriamente dita à leitura única, fenomenológica, de Tomás (a questão da verdade) e a metafísica do interior em Teresa (a questão da pessoa). Três gêneros literários distintos, intrinsecamente unidos por um método, que foi sempre o seu, a saber, o da fenomenologia.

2- Em 1887, Edmund Husserl defende a sua tese matemática *Sobre o conceito de número*, orientado por C. Stumpf. Defende-a e logo após abandona a matemática, voltando-se para a filosofia através dos cursos de Franz Brentano. Descobre então o tema diretor de toda a sua pesquisa, o da intencionalidade. A crítica que o cientista lógico G. Frege faz a sua filosofia da aritmética, através de uma correspondência intensa, qualificando-a de “psicologismo”, muito contribuiu para que Edmund Husserl chegasse aos fundamentos para uma teoria da lógica pura que iria se desaguar na fenomenologia.

3- Trata-se aqui de um ataque violento contra todas as formas de relativismo e de historicismo.

4- Partindo-se de indicações deixadas pelo próprio Edmund Husserl, pode-se distinguir três tipos de gestos interiores ou mentais absolutamente necessários para todo movimento fenomenológico. São as três faces da redução eidética articuladas: uma conversão reflexiva, que consiste em voltar o olhar do mundo dos conteúdos sensoriais, afetivos, éticos, intelectuais, para um ato interior fundamental que realizo, a saber, para o modo através do qual eu me percebo

como apreendedor dos objetos; uma variação eidética pela qual eu deixo de ver cada objeto ou situação como um fato particular para tomá-los como uma estrutura essencial e universal da minha experiência; uma suspensão radical (epoché) da existência do mundo que me permite ficar à distância em vez de ser captado por um objeto ou absorvido pelo acontecimento.

5- Tomás defende firmemente a possibilidade do conhecimento através da razão natural. A sua relação com Aristóteles e os Árabes provam que ele admitia uma filosofia fundamentada na razão autônoma, sem levar em consideração as verdades reveladas. Nas divergências, é preciso recorrer à razão natural, a única capaz de produzir consenso. Cf. *Summa contra gentiles*, I. 2.

6- Em cada página da *Summa contra gentiles*, a *Summa Philosophica* de Tomás, o filósofo nos mostra como a verdade de fé é a medida de toda a verdade. Cf. *Summa contra gentiles*, I. 3.

7- Para Tomás, o domínio da filosofia é nitidamente distinto, sob todos os aspectos, do da teologia. Há uma separação clara entre filosofia e teologia. O domínio da primeira é o da razão, enquanto que a teologia repousa na revelação.

8- A filosofia quer sempre dar razão (lógon didónai) da maneira mais plena e perfeita, chegar à última evidência possível. E se o mundo da experiência, com tudo o que ele oferece aos sentidos e à inteligência, conduz o apetite do conhecimento natural a uma direção determinada, a filosofia tem o dever de penetrar neste domínio até à sua última inteligibilidade. Cf. *S. Th.* II-II, q.45, a.2.

9- Para Edith Stein, a verdade de fé que nos outorga ver a filosofia, em cada um de seus estados, como um conjunto histórico, depende da fé e da teologia como condições externas de sua realização. A verdade revelada nunca será o conteúdo da filosofia. Esta só é vista e considerada pela filosofia enquanto verdade, não enquanto revelada. Como tal, a filosofia continua a atuar dentro do seu domínio específico, próprio, a saber, o do autêntico conhecimento filosófico, produzindo resultados racionais. Desta forma, a filosofia poderá ser aprimorada pela teologia, mas nunca será teologia. Em outras palavras, a união da teologia e da filosofia no interior de uma metafísica só se dá através de princípio da analogia. Da-se aqui, também, o encontro de E. Stein com P. Przywara, o maior estudioso do princípio da analogia em Tomás de Aquino.

10- To be or not to be, that's not the only question.

11- A fenomenologia é, sem dúvida alguma, a língua filosófica materna de Edith Stein.

